



SEMINÁRIO
EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA:
DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADES NA AMAZÔNIA
7 e 8 de maio de 2026 – Porto Velho/RO
Evento híbrido | Gratuito

MODELO PARA SUBMISSÃO DE TRABALHOS – RESUMO EXPANDIDO
ENTRE A TRADIÇÃO E O MERCADO: COOPERATIVISMO E A
EXPLORAÇÃO DE PRODUTOS FLORESTAIS POR INDÍGENAS NA
AMAZÔNIA

(Fonte 14, negrito, centralizado)

Alessandra Maria Filippin dos Passos Santos¹
Renata Freitag²
Elissandra Krixí Morimã³

GT indicado: Metodologias Ativas, Projetos de Ação e Tecnologias Sociais

RESUMO:

Pensando no desenvolvimento sustentável na Amazonia, o cooperativismo vem se fortalecendo nas comunidades que dependem dos PFNMs para sua subsistência. O extrativismo dos produtos da floresta, possuem relevância histórica, econômica e sociocultural, contribuindo para a manutenção da floresta em pé e para a geração de renda às populações tradicionais. Entretanto, essa atividade ainda enfrenta desafios estruturais, como baixa agregação de valor, presença de atravessadores, dificuldade de acesso a crédito e mercados e fragilidades na gestão produtiva. O presente estudo teve como objetivo analisar como o cooperativismo pode contribuir para o fortalecimento da

¹ Alessandra Maria Filippin dos Passos Santos, UNEMAT, doutora em Ciências Ambientais – UFPA, docente da Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT, alessandra.maria@unemat.br

² Renata Freitag, UNEMAT, Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal – UNEMAT, docente da Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT, renata.freitag@unemat.br

³ Elissandra Krixí Morimã, UNEMAT, bacharel em administração – UNEMAT, elissandra.krxi@unemat.br

exploração sustentável de produtos florestais em territórios indígenas, destacando seu papel na promoção da sociobiodiversidade e desenvolvimento local. Metodologicamente, adotou-se a pesquisa bibliográfica, com base em livros e artigos científicos que discutem o cooperativismo e a sustentabilidade. Os resultados evidenciam que a organização coletiva por meio de cooperativas reduz a dependência de intermediários, amplia o poder de negociação e favorece o acesso a políticas públicas e mercados institucionais, incentivando a transmissão de saberes tradicionais e as práticas de manejo sustentável.

Palavras-chave: Cooperativas. Comunidades Indígenas. Saberes da Floresta.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos o cooperativismo tem ganhado espaço na promoção do desenvolvimento sustentável, especialmente em comunidades que dependem dos Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNM) para sua subsistência, nesse sentido, a organização cooperativa possibilita a valorização dos saberes tradicionais, incentivando práticas de manejo sustentável e a comercialização justa dos recursos naturais, de forma que os cooperados podem fortalecer suas atividades econômicas sem comprometer a biodiversidade e garantindo a perpetuação de conhecimentos ancestrais essenciais à preservação dos ecossistemas florestais (VINHOTE, 2014).

As cooperativas, apesar de serem iniciativas mais recentes, têm como objetivo valorizar a produção, além de facilitar sua comercialização e transporte. Contudo, enfrentam concorrência dos atravessadores, que frequentemente são membros da própria comunidade ou comerciantes influentes, reconhecidos por seu prestígio local ou por laços familiares e de amizade. Esses atravessadores tradicionais dominam grande parte da produção e determinam os preços dos produtos, adquirindo-os diretamente das comunidades e revendendo-os para intermediários regionais ou grandes indústrias (SILVA *et al.*, 2013). Nesse contexto, o presente resumo expandido tem como objetivo analisar como o cooperativismo pode contribuir para o fortalecimento da exploração sustentável de produtos florestais em territórios indígenas, evidenciando seu papel na geração de renda, na valorização da sociobiodiversidade e na promoção do desenvolvimento local.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O extrativismo de Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNM) na Amazônia desempenhou um papel significativo na história econômica da região por meio da

comercialização do látex, extraído da seringueira (*Hevea brasiliensis* (Willd. ex A. Juss.) Müll. Arg.), e, atualmente, com o comércio da Castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa* Bonpl.), do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.), da andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.), da copaíba (*Copaifera* sp.), entre outros (SHANLEY; MEDINA, 2005). As plantas medicinais, particularmente, constituem importante fonte de remédios utilizados pelas populações tradicionais no tratamento de males do corpo e da alma. Todavia, apesar de possuírem um profundo conhecimento sobre esses PFNM, essas populações sofrem ameaça constante devido à influência direta da medicina ocidental moderna e ao desinteresse dos jovens das comunidades, interrompendo o processo de transmissão do saber entre as gerações (ALVES; HAMILTON; SILVA, 2020).

3. METODOLOGIA / DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A pesquisa bibliográfica serviu como base teórica, reunindo materiais acadêmicos como livros, artigos científicos, dissertações e teses. Segundo Gil (2008), essa abordagem permite aprofundamento conceitual e melhor fundamentação do problema de pesquisa. Para Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública sobre determinado assunto, permitindo ao pesquisador não apenas conhecer, mas também analisar criticamente as contribuições existentes, oferecendo base consistente para a construção do referencial teórico e para a fundamentação das discussões.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Salisbury e Schmink (2007), os PFNM são uma fonte de renda importante para as populações tradicionais, as quais historicamente utilizam a floresta com baixo impacto ambiental, contribuindo para sua conservação, especialmente em comparação a formas mais predatórias de uso da terra, como a pecuária. A extração de PFNM é realizada, normalmente, com baixa agregação de valor, com práticas de qualidade que atendem às cadeias historicamente instituídas na região, com forte presença de atravessadores, falta de crédito e baixo acesso ao mercado (BELCHER; RUÍZ-PÉRES; ACHDIWAN, 2005; NKEM *et al.*, 2010).

A comercialização e o cultivo dos PFNMs possuem uma importância na sociedade, por trazer o potencial econômico para as comunidades produtoras e fornecedoras destes produtos. O maior desafio está relacionado ao acesso a biodiversidade; o segundo refere-

se à sua preservação, muitas vezes não sendo priorizada; e o terceiro, e mais complexo, é idealizar um modelo de desenvolvimento que assegure a utilização sustentável dos componentes da diversidade biológica como um todo (GARIGLIO, 2010).

Nesse cenário, o cooperativismo indígena e extrativista apresenta-se como estratégia organizacional capaz de enfrentar essas fragilidades estruturais. Conforme demonstrado por Silva *et al.* (2019), a organização coletiva por meio de cooperativas fortalece a autonomia das comunidades ao reduzir a dependência de intermediários, ampliar o poder de negociação e facilitar o acesso a mercados institucionais, crédito e assistência técnica. A experiência analisada pelos autores, no município de Lábrea (AM), evidencia que o cooperativismo não se limita à organização produtiva, mas constitui instrumento de fortalecimento social, institucional e territorial. Ao estruturar a produção e comercialização de produtos como castanha-do-Brasil e borracha, a cooperativa promove maior agregação de valor e reforça a permanência das comunidades em seus territórios.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões apresentadas, pode-se considerar que o cooperativismo indígena se constitui como instrumento visando o fortalecimento da exploração sustentável dos PFNMs na Amazônia, promovendo autonomia econômica, organização produtiva e valorização dos saberes tradicionais para as comunidades. Ao reduzir a dependência de intermediários, ampliar o acesso a mercados e incentivar práticas de manejo responsável, as cooperativas contribuem simultaneamente para a geração de renda e para a conservação das florestas. Assim, a articulação entre extrativismo sustentável e organização coletiva demonstra-se alinhada aos princípios da economia ecológica, ao reconhecer a centralidade da floresta como base dos sistemas produtivos e ao defender modelos de desenvolvimento que respeitem os limites ecológicos e promovam justiça socioambiental nos territórios indígenas.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. R. N.; HAMILTON, A. C.; SILVA, L. C. R. Séculos de conhecimento travessado: etnobotânica, interculturalidade e saberes tradicionais em tempos contemporâneos. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 16, n. 1, p. 1–13, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13002-020-00394-8>. BELCHER, Brian; RUÍZ-PÉREZ, Manuel; ACHDIWAN, Rachman. Global patterns and trends in the use and management

of commercial NTFPs: implications for livelihoods and conservation. *World Development*, v. 33, n. 9, p. 1435–1452, 2005.

GARIGLIO, Maria A. et al. Uso sustentável e conservação dos recursos florestais da Caatinga. In: GARIGLIO, Maria A. et al. *Recursos florestais da Caatinga*. Brasília: MMA, 2010. p. 29–48.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NKEM, John et al. Shaping forest safety nets with markets: adaptation to climate change under changing roles of tropical forests in Congo Basin. *Environmental Science & Policy*, v. 13, n. 6, p. 498–508, 2010.

SALISBURY, David S.; SCHMINK, Marianne. Cows versus rubber: changing livelihoods among Amazonian extractivists. *Geoforum*, v. 38, n. 6, p. 1233–1249, 2007.

SHANLEY, Patricia; MEDINA, Gabriel. *Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica*. Belém: CIFOR, 2005.

SILVA, A. A. et al. Potencial do extrativismo da castanha-do-pará. *Floresta e Ambiente*, v. 20, n. 4, p. 500–509, 2013.

SOUSA SILVA, Lindomar de Jesus de; PINHEIRO, José Olenilson Costa; SANTOS, Endrio Moraes dos; COSTA, José Ivan da; MENEGHETTI, Gilmar Antonio. O cooperativismo como instrumento para a autonomia de comunidades rurais da Amazônia: a experiência dos agricultores extrativistas do município de Lábrea, AM. *Boletín de la Asociación Internacional de Derecho Cooperativo*, n. 55, p. 199–226, 2019.

VINHOTE, M. L. A. Usos e manejo de recursos florestais não madeireiros. 2014.

WADT, L. H. O. et al. Cadeia produtiva da castanha-do-brasil. *Revista de Ciências Ambientais*, v. 3, n. 1, p. 45–60, 2005.